

A dominação masculina em Pierre Bourdieu

... sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento. Essa relação social extraordinariamente ordinária oferece também uma ocasião única de apreender a lógica da dominação.. – P. BOURDIEU

Obs: esse texto parte da obra “**A dominação masculina**” (ed. BestBolso, 2014) do sociólogo **Pierre Bourdieu**. Dominação masculina é um termo usado por Bourdieu dentro de seu campo sociológico, se preferir, também podemos usar o termo que nos é mais comum, o machismo, mas tenhamos em mente que a troca de termos não é meramente vocabular, há diferenças conceituais que não serão abordadas nesse texto. Irei usar o termo usado pelo autor, o que é preferível, pois a realidade social é muito mais complexa do que costumamos encerrar em “ismos”.

*

Bourdieu parte de uma pesquisa etnográfica, das décadas de 50 e 60, sobre a sociedade Cabila. Formada por um povo nômade do norte da África, essa sociedade tem o princípio androcêntrico como ordenador, o que quer dizer que masculino e feminino são opostos e assimétricos, o masculino é visto como hierarquicamente superior e construído contra e em relação ao feminino.

Essa escolha não é por acaso. Apesar de exótica aos nossos olhos, a tradição androcêntrica dos Cabila sobrevive até hoje nas sociedades globalizadas. É verdade, tendemos a negar se falamos que o princípio androcêntrico rege nossas relações, também é verdade que muita coisa mudou, no entanto, apesar de contestado, esse princípio está impregnado nas estruturas sociais, refletindo consciente e inconscientemente nas nossas relações.

É por aqui então que essa obra se torna fundamental, pois Bourdieu, de maneira muito sofisticada, vai mostrando, a partir de conceitos que lhe são muito importantes, como *habitus* e violência simbólica, o quanto a

dominação masculina está incrustada em nossos modos de pensar, comportar, sentir, falar etc., fazendo com que a reprodução da ordem social seja mantida e legitimada.

*

A maior parte das relações de dominação nós não percebemos. O estado, as instituições, a sociedade legitimam e naturalizam a domesticação e a disciplinação da vida. No caso de algo que nos é visível, por exemplo, o salário da mulher e do homem para as mesmas atividades, evidencia-se a disparidade e percebemos que há uma relação de dominação aí... claro, nem sempre o evidente, o óbvio, o visível nas relações díspares entre homens e mulheres significa que perceberemos as relações de dominação, no entanto, esse exemplo é só para chamar atenção que quando trazemos para o nível do simbólico (para o nível da linguagem) as relações de dominação costumam ser ainda mais ocultas.

A violência simbólica é imperceptível e dissimulada, perpassando todos, é produto de um processo pelo qual a classe dominante economicamente vai impondo sua cultura aos dominados. Nesse sentido, e aqui não implica somente a questão econômica, percebemos que a dominação masculina é extremamente complexa, pois é reproduzida socialmente, sobretudo, por uma violência simbólica incrustada no nível da linguagem e do pensamento.

Bourdieu amplia magistralmente o campo da dominação masculina. A dominação masculina, que antes se concentrava mais no ambiente doméstico, é definida em todas as formas de dominação. Homens e mulheres incorporam *“sob a forma de esquemas inconscientes de percepção e de apreciação as estruturas históricas da ordem masculina”* (Bourdieu).

Saindo do lar doméstico, encontramos o androcêntrico atravessando, também, a formação do pensamento, nas ciências e na filosofia. A divisão entre os sexos parece estar na ordem social e das coisas, nesse sentido a dominação masculina é tão sofisticada que dispensa justificativas, é como se essa visão de mundo fosse neutra e não tivesse necessidade de explicar-se.

A ordem social é uma grande máquina de reprodução da dominação masculina, é verdade que ela usa da divisão dos sexos como justificativa natural das diferenças construídas entre os gêneros, mas vai além, fazendo a dominação perpassar, ao mesmo tempo, as relações objetivas no mundo, e as relações subjetivas, inscritas em nós, nos nossos corpos e

pensamentos, subsidiando esquemas de percepções em que as mulheres quase sempre são colocadas sob o negativo.

As instituições e as coerções objetivas não deixam de existir e se manifestar através da igreja, do estado, da família e outras macroestruturas, mas quando isso tem como principal meio os próprios agentes sociais, a linguagem e o pensamento, ora, a coerção e a legitimação da dominação através da violência simbólica se tornam muito mais arrasadoras.

Extrapolamos a figura do cara machista restrito em seu ambiente doméstico (hoje em dia também dissimulado sob o nome de macho alpha) e percebemos que o “machismo” está em cada um de nós, literalmente, em nossos “corações”, sustentando pensamentos, percepções e comportamentos androcêntricos.

Podemos dizer que a dominação masculina incrusta, também, através do reconhecimento dos dominados (como qualquer relação de poder). Todos contribuindo para naturalizar e legitimar a dominação do masculino sobre o feminino, como se fosse a-histórico, sob as formas de esquemas androcêntricos imperceptíveis. Lembremo-nos do fascismo em nós! (ver Introdução à vida não fascista)

Não se trata de polarizar a questão como comumente se tem feito, não se trata de acusar os homens nem as mulheres, o que não significa desmerecer o feminismo e muito menos relevar a questão, o que Bourdieu nos chama atenção é o quanto a dominação masculina não pode ser restrita meramente à dimensão de culpabilização dos homens.

Algumas análises feministas não percebem essa complexidade da dominação masculina e acusam as mulheres de serem submissas para com os dominantes, colocando-as enquanto responsáveis por se colocar como dominadas. A questão não é bem assim. Bourdieu aponta que essa tendência de culpar as mulheres também pode ser efeito das estruturas de dominação, os *habitus* masculinos e femininos são resultados de um profundo (micro e macroscópico) trabalho de inculcação e incorporação nos corpos e nas mentes que não é modificado apenas com uma simples “tomada de consciência”. Além da vontade individual nós não podemos nos esquecer das forças simbólicas que estão atuando.

Incorporados sob a forma de *habitus*, isto é, enquanto esquemas inconscientes de percepção que orientam nossos modos de agir e nossas

categorias cognitivas, tanto homens como mulheres reproduzem comportamentos e pensamentos que são adequados ou não para cada um dos gêneros, como consequências de um poder que vai se reproduzindo simbolicamente.

Bourdieu não desconsidera a discussão de gênero, reconhece a importância do feminismo que ajudou a colocar a dominação masculina em evidência política e reconhece as análises da opressão material sobre as mulheres – é inegável o quanto a violência física, discriminatória e material sobre as mulheres existe e se evidencia dia após dia em nossa sociedade. No entanto, é magistral como Bourdieu, através de sua perspectiva, nos faz avançar na compreensão e perceber o quanto a questão é mais complexa do que parece, dada que a opressão simbólica é, na maioria das vezes, reconhecida e legitimada como algo natural, fazendo-se como inevitável e imutável, ocultando um incessante trabalho de reprodução coletiva, na maioria das vezes invisível e sutil, de consagração do masculino sobre o feminino.

ALGUNS EXEMPLOS

Os exemplos que Bourdieu nos dá para mostrar como a violência simbólica da dominação masculina vai se expressando sutilmente são inúmeros. É impossível, em algum momento, não perceber – em nós mesmos! – o quanto somos reprodutores do poder masculino, sutilezas estas que não percebemos se ficarmos somente na discussão de gênero.

A simples disposição do movimento do corpo feminino e masculino está impregnada de valoração androcêntrica. As mulheres muitas vezes estão submetidas a confinamentos simbólicos de seus corpos e movimentos. A moda, por exemplo, saias curtas, bolsas, salto alto, acessórios, maquiagem... já as desencorajam à liberdade do movimento; os modos de se sentar, o movimento das mãos durante a corrida etc., são suficientes para desqualificar uma mulher, enquanto os homens são até mesmo considerados como atléticos quando se mostram mais à vontade e móveis. Ora, o que é o salto alto para a mulher senão o de símbolo sexual validado no campo social pelos e para os homens? Não é porque a mulher usa salto alto e demais acessórios que elas são submissas aos homens, o importante aqui é perceber que esses modos vão sendo constituídos (é um processo) para atender uma demanda masculina, no limite, são versões do princípio patriarcal de que a mulher foi feita para servir ao homem em versões mais sutis e suavizadas, características de como o poder atua em uma sociedade de controle.

E o que dizer sobre o próprio ato sexual? Atravessado por dominação masculina! O masculino é identificado como ativo e o feminino como passivo, em cima e embaixo, presente inclusive nas relações homossexuais. O dialeto usado pelos homens em relação às mulheres, no que se refere à conquista, é agressivo e evidencia o masculino sobre o feminino. E o feminino é vulgarmente qualificado quando se utiliza dos mesmos elementos.

As valorações e características que damos aos órgãos sexuais são inumeráveis e impregnados de dominação masculina. De modo geral, o positivo cabe aos homens, e o negativo às mulheres.

No caso dos homens, um dos exemplos, diz respeito à posição viril, o que se costuma dizer comumente como “seja homem”. Sem se perceberem, na maioria das vezes, os homens também são prisioneiros da dominação masculina. Os jogos de violência e poder são publicamente reconhecidos e validados socialmente para os homens, estes precisam provar sua honra, força, capacidade sexual e virilidade.

A virilidade (...) é uma noção eminentemente relacional, construída diante dos outros homens, para os outros homens e contra a feminilidade, por uma espécie de medo do feminino, e construída, primeiramente, dentro de si mesmo.” (BOURDIEU, A dominação masculina, p.79)

EM DEFESA DE BOURDIEU

Bourdieu recebeu muitas críticas de movimentos feministas que o acusaram de polarizar ainda mais as questões de gênero, de suavizar para os homens e até mesmo por ser um homem falando sobre dominação masculina. Acredito serem infundadas. Bourdieu é de uma elegância ímpar. Seus pensamentos tornam nossos olhares sobre o social, em todos os seus domínios – culturais, sociais, acadêmicos, cotidianos, etc. – muito mais apurados em perceber as relações de dominação, os jogos sociais e os troféus que estão em jogo.

Sabendo da dificuldade que se meteu ao tomar a dominação masculina para si enquanto estudo, o próprio autor, na conclusão do livro, faz alguns apontamentos dos riscos que correria. Ainda assim uma das maiores críticas ao autor é a de que ele teria ignorado o campo dos estudos feministas e não ter problematizado o gênero que é uma categoria muito importante dos estudos feministas. Nesse sentido, também é acusado de se colocar enquanto um intelectual dominante, reproduzindo a própria

dominação masculina científica, a dialogar com suas próprias teorias sociológicas.

De fato Bourdieu utilizou-se das suas teorias sociológicas, sua obra “O Poder Simbólico” foi fundamental, no entanto, penso que são críticas que decorrem mais de um afã de disputa por um campo político do que outra coisa. Ora, é claro que um autor se utiliza de suas próprias bases teóricas, é o próprio movimento do pensamento. Além disso, Bourdieu não ignora as contribuições dos estudos feministas nem a categoria gênero, reconhece os movimentos feministas e a importância deles para colocar a questão em evidência política, a questão é que ele buscou apresentar a dominação masculina sob a perspectiva da violência simbólica, o que também não é desconsiderar a violência material sob suas diversas formas. O próprio autor faz essas pontuações de forma franca e clara.

Concordo que a dominação masculina faz dos homens, também, prisioneiros, o que não é de forma alguma querer deslocar o foco ou diminuir a questão, como Bourdieu foi acusado. Pelo contrário, é nos tornar mais perspicazes para compreender as maneiras extremamente engenhosas, sutis, invisíveis, sorradeiras... do poder dominante se manifestar. A dominação masculina implica todos em um estado de miséria sexual mantido por uma dada ordem. Não se trata de querer quantificar, é evidente que as mulheres são as que mais sofrem com a dominação masculina, mas também não se trata, jamais, de (des)qualificar um homem que adentra nessas questões enquanto “mais um macho falando sobre as mulheres”, comentário este que já ouvi, o que seria polarizar o feminismo no radicalismo do “ismo”.

Bourdieu nos abre um horizonte enorme, sua obra pode nos deixar estarecidos e perplexos, dado os diversos ângulos que irão nos mostrar o que antes não percebíamos do quanto a dominação masculina é complexa e muito, mas muito presente em cada metro quadrado de espaço social.